

APRESENTAÇÃO

Este número da revista *Temáticas*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp), reúne e apresenta trabalhos de pesquisadores que têm como tema a relação das esquerdas políticas com as questões culturais.

As esquerdas constituem-se objeto relevante de pesquisa, sobretudo na Sociologia, na Ciência Política e na História. A partir do enfoque da oposição política, da organização partidária ou da articulação de movimentos sociais, as esquerdas são representadas como agentes importantes na transformação do cenário político internacional durante todo século XX. Importância constatada tanto no seu protagonismo como no seu antagonismo, derivados dos conflitos de ordem política e ideológica que, via de regra, compuseram sua identidade social.

Entretanto, outras faces não menos importantes dessa representação, aos poucos, vêm ganhando contornos mais densos: a relação das organizações de esquerda com a cultura, e também a ação de artistas e intelectuais que têm afinidades com as esquerdas, sejam ou não militantes. Pesquisas que vêm se debruçando não apenas sobre a associação funcional entre cultura e política, mas que procuram entender a dinâmica da inserção das esquerdas e do seu cenário nos espaços de produção cultural, bem como a atuação de intelectuais e artistas identificados com elas. Isto é, como determinadas organizações, instituições e entidades vinculadas às esquerdas políticas representam a si mesmas nos circuitos artísticos e culturais, e como se dá a identificação individual ou coletiva com elas.

Isso, evidentemente, implica na consideração de práticas, manifestos, obras, biografias e intervenções públicas de intelectuais e artistas que buscam

representar seus ideais políticos por meio do vetor cultural (mercado, mecenato, políticas culturais, instituições etc.) e que ao mesmo tempo modificam a própria estrutura de produção e circulação cultural.

A problemática da (des)organização e produção da cultura, além do papel de artistas e intelectuais de esquerda nos circuitos culturais, seja no exercício do poder ou na oposição, são temas centrais neste dossiê *Esquerdas e Cultura*, com intuito de reunir contribuições de pesquisadores envolvidos com o tema, em distintas fases da carreira acadêmica.

Os dois artigos publicados na seção intitulada *Arte, cultura e engajamento*, que abre este dossiê, abordam o tema a partir de um ponto de vista mais amplo. Em “Carga explosiva: o surrealismo como movimento romântico revolucionário” de autoria de Michael Löwy, discute-se a relação do movimento surrealista francês com o marxismo, sobretudo a partir da obra de André Breton e das vanguardas artísticas e estéticas com os movimentos revolucionários de esquerda. Apresenta e discute aquilo que o próprio autor denomina de “marxismo gótico” de André Breton.

O artigo seguinte, “A relação entre arte e política: uma introdução teórico-metodológica”, de Marcos Napolitano, discute a relação entre arte e política dentro da tradição de esquerda, sintetizada no conceito de “arte engajada” e outros conceitos correlatos. Preocupa-se com o mapeamento do debate entre os autores clássicos do marxismo em torno da questão cultural (Lukács, Brecht, Adorno e Benjamin) e a história das experiências e movimentos culturais ocorridos no contexto da Revolução Russa, entendida pelo autor como “um laboratório de experiências estético-ideológicas”.

Na seção *Formação e organização dos intelectuais*, Rodrigo Czajka em artigo intitulado “O Comando dos Trabalhadores Intelectuais: formação das esquerdas culturais na década de 1960” apresenta e descreve a atuação desta entidade civil que serviu de espaço de organização e representação de intelectuais e artistas que, anterior ao golpe militar de 1964, possibilitou a formação de um debate e fomentou a participação de setores da *intelligentsia* nacional no processo de democratização da cultura durante a vigência da ditadura militar. O outro artigo que compõe esta seção, de autoria de Flávio Mendes e intitulado “Gramsci e Thompson no Brasil: política e cultura nos anos 80”, analisa

a recepção no Brasil das obras de dois importantes autores da tradição marxista que deram especial importância às questões da cultura: Antonio Gramsci e Edward P. Thompson – nomes que exerceram grande influência na formação dessa tradição no Brasil, a partir do final dos anos 1970, com significativa importância nos debates político e acadêmico, num momento que pode ser considerado de crise e inflexão das esquerdas brasileiras.

A terceira seção, *Literatura e politização*, é composta por três artigos. Em “A perspectiva de Graciliano Ramos sobre a decadência do romance brasileiro”, Carlos Alberto Dória discorre acerca das posições do romancista dentro do pensamento de esquerda no Brasil e do ciclo do “Romance de 1930”, contrastando a heterodoxia de Graciliano frente aos padrões usuais na crítica de inspiração marxista então vigente. Antônio de Pádua de Lima Brito, em “Ariano Suassuna e o regime militar: a cultura popular como questão de soberania nacional”, problematiza as opiniões e idéias de Ariano Suassuna, expressas ao longo da década de 1970, em defesa da cultura popular como fator de afirmação da identidade nacional e de segurança nacional, em consonância com as políticas culturais e ideológicas propagadas pelo regime militar de 1964-85. E Rosane Pires Batista – em artigo intitulado “Ferreira Gullar: imagens do exílio” – realiza uma análise de *Rabo de Foguete: os anos de exílio*, autobiografia escrita pelo poeta em 1998, referente ao seu período de desterro. Evidencia como a narrativa cristaliza a construção de uma memória das esquerdas intelectualizadas sobre a ditadura no Brasil (1964-1985).

Na seção *A resistência em cena*, dois artigos abordam o mesmo objeto, entretanto com enfoques diferenciados. Em “Teatro e resistência cultural: o Grupo Opinião”, Miliandre Garcia discute o aglutinamento e a articulação de intelectuais e artistas em torno Show Opinião, seguidos da consolidação do grupo como forma de possibilitar a continuidade dos projetos estético-pedagógicos iniciados com o Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE). E Mariângela Ribeiro apresenta em “Música em cena: a canção popular como forma de resistência política ou sucesso de mercado?”, a partir da análise do uso da canção popular nas peças do Grupo Opinião em 1964 e 1965, a maneira como a canção de protesto dominou a cena cultural brasileira na década de 1960 no Brasil.

Por fim, a seção Ciência e tecnologia no repertório das esquerdas contempla duas análises concernentes a um novo temário das esquerdas do final de década de 1980 em diante. Em “A política de ciência e tecnologia e a esquerda latino americana: difusão científica e tecnológica para a sociedade ou adequação sóciotécnica com o povo?”, Renato Dagnino procura se contrapor à maneira como a corrente principal da esquerda vem tratando o tema da Política de Ciência e Tecnologia: aquela que defende que a difusão dos frutos do progresso da Ciência e Tecnologia para a sociedade ou a apropriação do conhecimento científico e tecnológico pelos cidadãos é o caminho para promover um estilo de desenvolvimento alternativo. Em “Da guerra da Maria Antônia ao curso de Ciência, Tecnologia e Movimentos Sociais”, Leda Gitahy e Elaine Hipólito dos Santos Costa pretendem investigar a perda da memória histórica frente às transformações da chamada “sociedade da informação”. A hipótese lançada pelas autoras é que a Revolução Conservadora que se inicia na década de 1970, a concentração e o controle dos meios de comunicação de massa forjaram a perda da memória coletiva sobre nossa própria história recente.

Em suma, trata-se de um conjunto amplo e diferenciado de contribuições que dão uma idéia expressiva do desenvolvimento recente de pesquisas sobre o tema *Esquerdas e Cultura*.

Rodrigo Czajka e Marcelo Ridenti